



Esperança é... Conseguir combater a solidão com atividades simples, envolvendo várias gerações

Como salvar uma aldeia

Suão, o ar quente que sopra do Sul e tudo queima, é a metáfora escolhida por uma associação do interior alentejano que quer aproveitar o que a terra dá e as gentes podem ensinar para não deixar morrer o mundo rural. Uma lição de desenvolvimento exemplar

POR TERESA CAMPOS TEXTO E JOSÉ CARIA FOTOS

Em terra de moleiros, aprende-se, desde cedo, a aproveitar o vento a nosso favor. Em S. Miguel de Machede, no interior do Alentejo, com moinhos e noras como pano de fundo, a imagem faz ainda mais sentido. Vivem aqui menos de mil pessoas e o número só tem diminuído – segundo a contabilidade oficial, em vinte anos, perdeu-se metade dos habitantes. Na década do betão e das autoestradas, foi também a estrada, belíssima e a poucos metros, que levou muitos deles para Évora, a 17 quilómetros, com a ajuda da rodoviária do Alentejo e as suas quatro carreiras diárias a partir daquela freguesia.

Desde então, esse palavrão que é o despovoamento ganhou ali corpo e dimensão, tornou-se o espelho da interioridade, marcada por uma imensidão de idosos a viverem sozinhos e por escolas quase sem crianças. Só que entre estes micalenses há uma espécie de gaulês irredutível, empenhado em enfrentar esse fantasma que é a desertificação humana. Se bem o pensou, melhor o fez e, há 15 anos, criou a Suão – Associação pelo

Desenvolvimento Comunitário. A julgar pelo grupo de avozinhas que descobrimos à entrada do sítio, correndo atrás de meia dúzia de bolas amarelas num campo de jogos, o futuro pode ser mesmo muito diferente.

O máximo com o mínimo

José Bravo Nico, 49 anos, o presidente da direção da Suão, é um filho da terra e não a imagina entregue à sua sorte. «A nossa terra não é uma simples expressão do quotidiano», gosta de repetir. «É a tradução de um laço que mantemos com um território e uma comu-

‘A nossa terra não é uma simples expressão do quotidiano. Queremos viver aqui as nossas vidas’

JOSÉ BRAVO NICO, PRESIDENTE DA SUÃO

nidade. E isso implica o compromisso de os manter vivos», insistindo que não há fatalidades – à natureza rude e mínima é preciso responder com esperança, com esta ideia de fazer o máximo com o mínimo. «Queremos viver aqui as nossas vidas, com estas pessoas, neste tempo», sublinha, para depois precisar que *Suão* é também o título de uma obra referencial da cultura alentejana – escrita por Armando Antunes da Silva, descreve a eterna luta local contra a natureza e circunstâncias sociais adversas.

No campo relvado à nossa frente, os jogos estão quase a terminar. Teresa Engana, 35 anos, a professora daquelas seniores ativas – ou melhor, ativos, já que há um senhor, tímido, no grupo –, mostra-se orgulhosa: «Fazem tudo o que lhes digo.» Rosa, 74 anos, Mónica, 80, e Joana, 63, confirmam: «Esta é uma das coisas boas que a gente tem.» Mas a ginástica constitui apenas uma das componentes do Curso de Educação de Adultos que a Suão criou: há a pintura, a informática, a gastronomia... E é só um dos projetos», prossegue Bravo Nico, que é também professor na Universidade de Évora, onde, como doutorado em Ciências da Educação, teorizou o que aqui pôs em prática – um trabalho postulado no livro *Educação e Formação de Adultos no Alentejo* e apresentado publicamente no início do mês. Passeando-se por entre os livros da biblioteca da Escola Comunitária, que dá vida ao espaço ocupado pela associação, o mentor dos projetos elenca-os de cor.

«Também temos o Gabinete da Papelada: quem tem um problema que não consegue ►